Apoio:

Patrocínio:

Realização:

A Mosca do Anão

A Mosca do Anão

Era uma vez um homenzinho muito mal feito, torto e de pernas arqueadas, corcunda e zarolho, capenga e corcovado, tão feio e tão cômico que inspirava piedade e riso.
Chamava-se Tibúrcio, por alcunha Tiburcinho.
“Tiburcinho, Tiburcinho, como foi que aconteceu sêres assim tão feinho?”
dizia-lhe a mãe.
“Tiburcinho, que farás? Que ofício escolherás?”
perguntava-lhe o pai que, como a esposa, se fazia velho e não sabia onde empregar aquele desgraçado filho de quem todos se riam.
- Serei bobo da côrte - disse um dia Tiburcinho -. Irei ao palácio do rei e fá-lo-ei rir com os meus momos.
- Oh! Oh! - exclamou o pai, olhando para a esposa -. Escuta só o que diz o nosso filho.
A mamã deixou pender a cabeça, com ar de comiseração.
- Não digo isso por brincadeira, fiquem sabendo - insistiu Tiburcinho -. No papel de bobo às vezes se faz fortuna.
- Ah, meu filho! Não farás certamente

fortuna! - lamentou-se a mãe.
- Quem sabe? - respondeu Tiburcinho -. Tenho no entanto a idéia de que poderei sustentá-los nos seus dias de velhice, melhor do que pensam todos os que se riem de mim.
E ruminando a sua idéia, aprisionou uma mosca, que domesticou muito bem, como faz um homem com um cão.
Um mês depois, dizendo adeus aos velhos pais e munindo-se de um bastãozinho, com a mosca ao ombro, dirigiu-se à côrte, pedindo aos gentis-homens do czar para ser apresentado a Sua Majestade.
- Que queres dizer a Sua Majestade, horrendo cágado? - perguntou-lhe rindo-se um alto general, com o peito constelado de cem condecorações.
- De Sua Majestade, também são súditos os cágados - respondeu ousadamente Tiburcinho -. Tenho o direito de ser-lhe apresentado, como o têm todos os asnos do reino.
- Eu, asno? - gritaram todos os gentis-homens em volta.
- São vocês mesmos que o dizem - replicou o anão - .Por que, quando falo de asnos, se sentem tão ofendidos?
Seguiu-se, como podem imaginar, um pandemônio, e o rei apareceu, para ver o que causava aquela algazarra.
Foi-lhe contada a história pelos gentis-homens irados, e o rei se riu.
- Este anão não é nada estúpido! - disse -. Tê-lo-ei junto a mim como bobo e isso me divertirá um pouco, fazendo-me esquecer os quebra-cabeças e

os aborrecimentos dos negócios de Estado.
Os cortesãos, rilhando os dentes, tiveram de reprimir a sua raiva, e o anão foi logo vestido de bobo do rei, com um gibão amarelo e vermelho, ao qual estavam presos inúmeros guizos de prata, em barrete de porta comprida, caída, que tinha por borla uma quantidade de guizos de ouro.
Tiburcinho achara finalmente um lugar onde, se os outros se riam dele, ele podia rir-se dos outros, desafiando a sua cólera, ao abrigo, como estava, da proteção de Sua Majestade.
E deve-se dizer que, tendo a sua mordacidade crescido na razão direta das zombarias e escárneos que fora obrigado a sofrer até então, o anão agora se desforrava dizendo cobras e lagartos, dando o que fazer aos cortesãos, cheios de hipócrita virtude e obrigando-os muitas vezes a corar sob as barbas, pois que tudo lhe era permitido.
Em breve, todos souberam que Tiburcinho assumira as funções de bobo real, coisa que, enquanto fazia rir os plebeus, deu não pouco aborrecimento aos nobres, que naquele tempo estavam sempre em luta aberta com a plebe.
- Tiburcinho, - dizia Sua Majestade - lá vem o nosso Grande Chanceler. Faze-lhe as honras da casa.
Tiburcinho lançava a sua mosca contra o Grande Chanceler, importante personagem muito cheia de si, e o incômodo inseto, passeando para baixo e para cima pelo rosto e entrando até um pouquinho no nariz do Chanceler, fazia-o perder a grave compostura em muito pouco tempo. O pobre diabo, obrigado pela etiqueta a portar-se de maneira correta, suava e bufava, ficava vermelho como um

peru, e acabava por dar violentas tapas no próprio rosto, tentando afugentar aquela maldita mosca.
- Por que vos esbofeteais, senhor conde Simplório? - perguntava o rei, sufocando com dificuldade o riso.
- Estava-se castigando a si próprio pelas mentiras que vive dizendo a Vossa Majestade - dizia Tiburcinho, em tom de mofa.
- Como? Como? - exclamava o rei -. Então tudo o que me conta sobre os negócios do Estado são mentiras, senhor conde?
O conde Simplório, pobre diabo, teria de boa vontade surrado o anão e matado a sua mosca (se a pudesse agarrar), mas tinha de conter-se, dominava-se e, por fim, coçando furiosamente o nariz, pedia licença para retirar-se.
E' desnecessário dizer que especialmente a mosca de Tiburcinho constituía o espantalho de todos os cortesãos, e em particular dos ministros. Era um inseto diabólico, capaz de fazer danar um santo. Ninguém podia resistir aos seus
assaltos. Quando havia conselho de Estado, aquele terrível bichinho voava zumbindo de cabeça em cabeça, picando narizes, faces, rostos, fazendo cócegas nos ouvidos, até que os graves ministros, perdendo ao mesmo tempo o fio do discurso e a paciência, diziam tolices que faziam rir até os porteiros, até os canários nas gaiolas.
E o rei morria de riso.
Imaginem então, quando se apresentava ao rei alguma personagem de fora, embaixador, príncipe ou marquês, mandado em missão diplomática.
A mosca era capaz de atormentar aqueles senhores

de tal maneira que eles, contanto que fugissem aquele tormento, esqueciam-se de defender os interesses dos seus países e aceitavam às pressas todas as exigências de Sua Majestade.
De maneira que era mesmo o caso de se dizer que uma mosca engrandecia um reino e valia mais que um exército.
Pouco a pouco, ao ódio e ao desprezo que as grandes personagens da côrte professavam pelo anão, ajuntou-se o terror. Cada um deles começou a temer seriamente o anão, que os ameaçava de fazê-los perder o crédito junto a Sua Majestade.
Então todos começaram a tentar conquistar as suas boas graças e Tiburcinho via chegar todos os dias à sua câmara pajens e servidores levando-lhe presentes preciosos, jóias, tabaqueiras, objetos de ouro, mandados, ora pelo barão Fulano de Tal, ora pelo conde Sicrano, ora pelo marquês V . . . , ora pelo general N . . . Em suma, se dantes vivia na miséria, sem um níquel - pois os reis, fora a subsistência e as roupas, não pagavam nunca aos seus bobos - agora os seus aposentos transbordavam de objetos de ouro e
de prata, de jóias e pedras preciosas, objetos estes que ele fechava à noite em grandes sacos e ia enterrar em lugares só dele conhecidos.
Aceitando porém os presentes daqueles senhores, acontecia em conseqüência que Tiburcinho reservava as suas zombarias para aqueles que, mais teimosos ou mais avarentos, não lhe davam nada, demonstrando-lhe ultrajante desprezo; mas em breve também aqueles poucos tiveram de ceder e chegou um belo dia em que o rei se espantou,

queixando-se de que o seu bobo perdera o espírito que dantes o alegrava tanto.
- Tiburcinho, foste atacado de melancolia? - perguntava Sua Majestade.
- Tenho cólicas, Sire! - respondia Tiburcinho.
E assim se passava o tempo. O rei aborrecia-se, depois começou a irritar-se e por fim, percebendo que os cortesãos tinham tomado amizade ao seu bobo, adivinhou as coisas pela metade e não acreditou mais naquelas cólicas constantes das quais se queixava Tiburcinho.
Para dizer verdade, o anão, alegando o pretexto das cólicas, pensara que um belo dia Sua Majestade, cansando-se dele, o exoneraria do seu cargo, mandando-o embora. Então, já agora rico, voltaria à sua terra, para junto dos seus velhos pais, levando-lhes os tesouros ganhos graças à sua astúcia.
Mas, como veremos, fizera mal os seus cálculos.
- Tiburcinho, - disse um dia Sua Majestade - a tua mosca não sai mais do teu ombro e, pelo que parece, as tuas cólicas são incuráveis. Se ainda hoje não conseguires fazer-me rir, esta noite te mandarei abrir o ventre pelo carrasco da casa real, e acabou tudo!
Tiburcinho tremeu. Bem sabia que o rei não estava gracejando, e nunca se dera o caso que ele faltasse à sua palavra.
Que fazer? O pobre anão não poderia nunca resolver-se a aborrecer e atormentar as personagens da côrte que se tinham tornado seus bons amigos, e para fazer rir o rei não havia outro meio.
Mas o acaso veio em seu auxílio.

Naquele dia, Tiburcinho entrou na sala real mal o Conselho se reunira, quando foi anunciado o rei de Folgaçãolândia, que desejava discutir com Sua Majestade certas questões de fronteiras e resolvê-las amigavelmente.
Aquele soberano foi logo introduzido e todos os ministros e generais se levantaram para saudá-lo.
Era um gigante de aspecto feroz, e quando falava parecia que trovejava, ao mesmo tempo que girava os olhos de maneira assustadora.
Tiburcinho viu que se lhe apresentava ocasião de fazer rir o rei seu senhor, e não a deixou escapar.
O rei de Folgaçãolândia, depois de ter cumprimentado Sua Majestade, começou a falar da questão dos limites em tom grave e retumbante, e estava muito interessado no seu discurso quando sentiu passear sobre o seu enorme nariz aquela maldita mosca que já conhecemos.
- As minhas fronteiras . . . as minhas fronteiras . . . são . . .
E zás!
Não agüentando mais, o rei de Fogaçãolândia deu valente tapona no nariz para afugentar o inseto.
- Como? - disse Sua Majestade -. As suas fronteiras são . . . ?
- São, - continuou o rei estrangeiro, que com grande raiva, sentia agora a mosca entrar-lhe em um ouvido - são... diabos a levem! . . .
E zás!
Outra valente tapona na orelha.
O rei senhor de Tiburcinho, não agüentando mais, estalou em uma gargalhada, e os ministros, perdendo a grave compostura, fizeram outro tanto.

- Aqui me estão insultando! - bradou o rei gigante -. Estão me faltando ao respeito!
E zás!
Terceira valente bofetada na boca, porque a mosca se pusera a passear sobre os seus grossos lábios como se fossem uma avenida.
- Mas, por que Vossa Majestade se esbofeteia? - perguntou o rei de Tiburcinho, que se ria tanto que tinha lágrimas nos olhos.
- Ali! Ri-se! - exclamou o gigante, desembainhando a espada -. Em guarda, Majestade, porque o desafio! Se não é um vil, defenda-se! Acertaremos a nossa questão com as armas na mão!
A esse desafio cavalheiresco o rei não podia furtar-se, embora estivesse desde logo convencido de que se encaminhava para a morte. Como vencer semelhante gigante?
Mas a mosca de Tiburcinho, ainda nessa ocasião, foi providencial.
Começou um duelo de morte, na presença de todas as grandes personagens da côrte.
Mas a mosca não deixava em paz o gigante, que bufava e cuspia fogo, não podendo sequer prestar atenção aos golpes de espada que lhe desferia o seu adversário.
Quando a mosca por fim lhe entrou no nariz, produzindo-lhe umas cócegas insuportáveis, o rei estrangeiro não suportou mais; soltou tremendo espirro e, esquecendo-se de que tinha a mão armada, deu no próprio rosto um tal golpe de espada que lhe cortou mais da metade e caiu banhado no próprio sangue.
Foi assim que o rei de Tiburcinho conseguiu

conquistar sem maior perda de sangue o grande reino vizinho, e o anão, aclamado por todos, voltou para junto dos seus velhos pais, carregado de riquezas, e não mais escarnecido e desprezado, mas sim honrado e respeitado, tanto por nobres como por plebeus.
Tiburcinho viveu cento e dois anos, rico, feliz e benquisto, sustentou e cuidou de seus velhos pais, como bom filho, até à morte deles, e mandou erigir à memória da sua mosca um monumento de bronze que, se não me engano, ainda hoje deve existir em alguma parte do mundo.

FIM